

# A Hipótese do Amor

*Capítulo extra*



**ALI  
HAZELWOOD**



A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.  
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros  
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,  
ofertas, dicas de leitura e muito mais!

Clique aqui para assinar  
nossa newsletter e receber  
as novidades diretamente  
em seu e-mail.

# A Hipótese do Amor

*Capítulo extra*



## O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

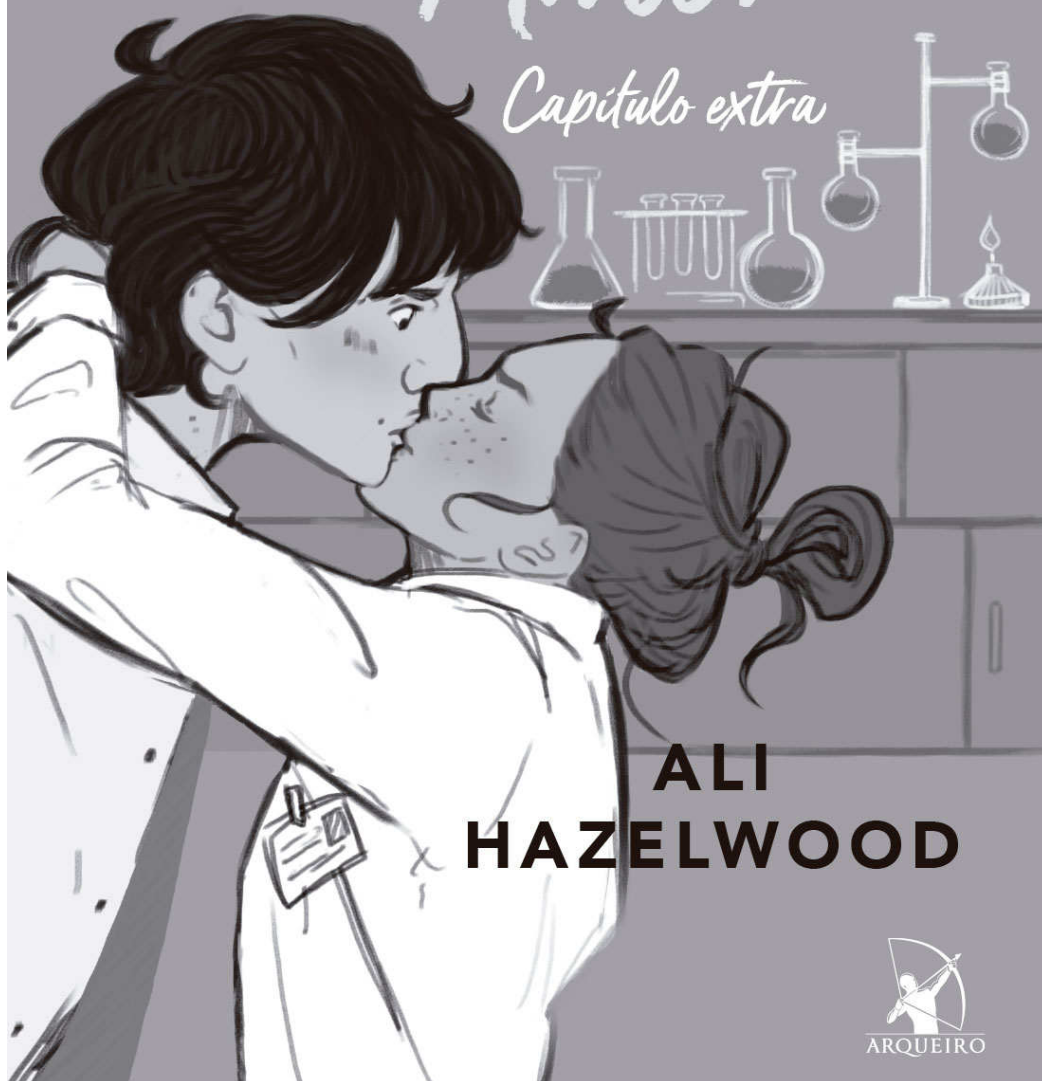
Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas

verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

# A Hipótese do Amor

*Capítulo extra*



**ALI  
HAZELWOOD**



Título original: *The Love Hypothesis – Bonus Chapter*

Copyright © 2022 por Ali Hazelwood

Copyright da tradução © 2022 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

*tradução:* Thaís Britto

*preparo de originais:* Carolina Rodrigues

*revisão:* Ana Sarah Maciel e Hermínia Totti

*diagramação e adaptação de capa:* Gustavo Cardozo

*capa e ilustração de capa:* lilihsaur

*e-book:* Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H337h

Hazelwood, Ali

A hipótese do amor [recurso eletrônico] : capítulo extra / Ali Hazelwood ; tradução  
Thaís Britto. - 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2022.

recurso digital

Tradução de: The love hypothesis : bonus chapter

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-5565-412-7 (recurso eletrônico)

1. Romance italiano. 2. Livros eletrônicos. I. Britto, Thaís. II. Título.

22-79377

CDD: 853

CDU: 82-31(450)



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Todos os direitos reservados, no Brasil, por

Editora Arqueiro Ltda.  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)  
[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



Eu poderia fazer uma introdução beeem longa, mas vamos ser sinceros: você está aqui para ler o ponto de vista de Adam do que acontece no fim do capítulo 15 e em todo o capítulo 16 de *A hipótese do amor*.

Então, vamos direto ao ponto: obrigada às minhas amadas Jen, Lucy e Claire e à minha equipe incrível (Sarah, Bridget, Jess) por me darem a ideia de escrever isto e por me ajudarem a torná-lo realidade! Realmente é algo que envolve uma aldeia inteira, e minha aldeia é maravilhosa!

Muito, muito, muito, MUITO obrigada por investir seu tempo em ler o que escrevo. Sou eternamente grata a você, estou até sem palavras.



ALI HAZELWOOD

# Sumário



[Créditos](#)

[Capítulo Extra](#)

[Sobre a autora](#)

[Sobre a Arqueiro](#)

Adam



Por um breve momento, só alguns segundos depois que a boca de Olive toca a dele, Adam pensa em confessar tudo.

É uma péssima ideia. Uma das piores que teve até hoje, mesmo depois de ter se superado no último mês. Afinal, foi ele que propôs essa farsa para Olive, como se fingir estar num relacionamento com a única mulher que chamou sua atenção na última década pudesse dar certo. E foi ele que deu a ideia de dividir o quarto com ela, embora conhecesse pelo menos umas trinta pessoas em Boston que poderiam hospedá-lo.

Ele deveria ter recorrido a um dos amigos da pós-graduação. Jack se mudou para Pasadena, mas George ainda mora aqui. Annika e Riley também. Além de Tom, é claro, embora ele provavelmente fosse perguntar por que Adam não está com Olive e lhe dar mais algumas alfinetadas, dizendo que ele é pau-mandado da namorada.

Adam teria que inventar desculpas, bolar algumas mentiras... Ou seja, seria um saco. Tom às vezes é um saco. Pessoas são um saco.

Mas pelo menos ele não estaria bem aqui, com a mão macia de Olive em seu rosto, os lábios dela se movendo contra os dele meio sem jeito, hesitantes e delicados, indicando que ela não faz isso há algum tempo e...

O pau de Adam está duro como uma pedra. Ele tem 34 anos. Está completamente vestido, mal tocando nessa mulher também completamente vestida e, ainda assim, esse beijo é sem dúvida a experiência mais erótica de toda a sua vida.

Deve ser isso que está mexendo com sua cabeça. O motivo pelo qual considerou contar tudo a ela. Mas os lábios de Olive estão frescos, seus cabelos úmidos fazem cócegas no rosto dele, e sua pele tem um cheiro doce, vívido, comestível. Adam se proibiu de pensar em Olive tomando banho a poucos metros dele. E conseguiu, até se dar conta de que não tinha ouvido o barulho da porta sendo trancada. Ela não estava trancada. Foi ali que ele se esqueceu de respirar; apenas uma madeira barata e uma oportunidade separavam os dois, e Olive confiou que ele se comportaria.

Não que ele fosse fazer alguma coisa. Mas Adam vê que a coisa é bem pior do que ele imaginava quando só o fato de Olive confiar que ele seja um ser humano decente tem mais efeito em seu corpo do que qualquer pornografia explícita.

– Você está apaixonado por ela, né? – perguntou Holden na semana passada, ao notar que Adam estava muito mais atento ao celular do que ao jogo na TV.

Adam revirou os olhos, voltou a olhar para a TV e respondeu:

– Só quero que ela fique segura. E feliz. E consiga o que quer.

Holden não disse nada, apenas assentiu e sorriu, com um ar de satisfação. Aquilo foi o mais próximo que Adam esteve de lhe dar um soco desde o doutorado.

Mas e se Adam fosse em frente com aquilo? E se contasse a verdade a Olive?

*É a porra de um acaso trágico do destino, mas parece que você não lembra que nos conhecemos anos atrás. E isso é um problema, pois eu me lembro bem até demais. Eu não gosto de ninguém, ninguém mesmo, mas gostei de você desde o início. Gostei de você quando não te conhecia e, agora que conheço, a coisa só piorou. Às*

*vezes, com frequência, sempre penso em você antes de dormir. Aí sonho com você e, quando acordo, minha cabeça ainda está lá, empacada em alguma coisa engraçada, linda, indecente, inteligente sobre você. Vem acontecendo há um tempo, mais do que você pensa, mais do que você poderia imaginar, e eu deveria ter te contado, mas tenho a impressão, a certeza de que você está prestes a sair correndo, de que eu deveria te dar motivos para ficar. Posso fazer alguma coisa por você? Posso te levar ao mercado e encher sua geladeira quando voltarmos para casa. Comprar uma bicicleta nova, um kit de reagentes decentes e aquela gororoba que você toma. Matar as pessoas que te fizeram chorar. Você precisa de alguma coisa? É só falar. É seu. Se eu conseguir, é seu.*

Se ouvisse isso, Olive sem dúvida sairia correndo e gritando. E, depois dos últimos dias, semanas, anos, tudo o que Olive precisa é de um pouco de paz. Um espaço seguro. Um lugar *para* onde correr e não *de* onde correr. Então Adam toma sua decisão: esconde a verdade mais uma vez. Quando ela se afasta, com um sorriso de leve nos lábios e um olhar esperançoso, ele balança a cabeça.

– Olive, isso é... Não.

– Por quê?

Olive fecha a cara, e a culpa é toda de Adam, por ser tão *ruim* para ela.

– Não é pra isso que estamos aqui.

As narinas dela se dilatam.

– Isso não significa que...

– Você não está pensando direito. Você está triste, bêbada e...

Ela revira os olhos, impaciente, e as mãos de Adam só querem puxá-la para perto. Beijá-la de novo. Beijar cada parte do seu corpo. Ela é muito teimosa. Uma engraçadinha insuportável, e ele precisa cerrar os punhos para evitar tocá-la.

– Eu tomei duas cervejas. Há horas – diz, irritada, e Adam sente que vai ficando irritado também. Ele não está em condições de brigar com ela. Não quando já está brigando consigo mesmo.

– Você é uma aluna, no momento depende de mim pra ter um lugar pra ficar e, mesmo que não fosse o caso, o poder que tenho sobre você pode facilmente transformar isso aqui numa dinâmica coercitiva e...

Ela ri. Como se aquilo que o deixa apavorado e tira seu sono – que ela acabe magoada com essa história toda, que ele não esteja vendo alguns sinais, que a esteja ferindo ou se aproveitando dela – fosse apenas uma piada.

– Não estou me sentindo coagida – debocha ela, como se isso fosse uma possibilidade ridícula.

Talvez seja o tom de voz ou o cheiro dela, mas Adam perde o controle.

– Você está apaixonada por *outra pessoa*! – afirma, irritado, cruel, sem qualquer cuidado.

E Olive para de rir. Ela se encolhe, quase recua para se afastar dele, e Adam na mesma hora sente vontade de socar a própria cara e retirar o que disse.

*Ótimo trabalho, babaca. Joga tudo na cara dela. Faz ela lembrar que o cara de quem ela gosta está por aí com sua melhor amiga. Até parece que você não sabe exatamente como ela se sente, desejando alguém que prefere estar com outra pessoa. Até parece que não se identifica com ela a cada porra de minuto que passa.*

– Olive.

Ele belisca a ponte do nariz e tenta se acalmar. Agir desse jeito brusco e temperamental não é novidade para ele, mas Olive tem algum efeito na química de seu cérebro, algo que o deixa mais suave, paciente, tão contente quanto alguém como ele pode ser. Uma fera selvagem e raivosa finalmente domesticada. O problema é que nenhum dos dois parece bem hoje. Olive está cansada e confusa. Adam está cansado, mas também excitado, mal se aguentando depois de semanas e semanas de desejo não concretizado. Está de quatro por essa garota.

Mas ele precisa se portar melhor porque essa história não diz respeito a ele. Desde o início, Adam prometeu a si mesmo que, dessa vez, com Olive, o foco seria todo *nela*, e é por isso que ele precisa tentar fazer algo absolutamente alheio à sua natureza: ser diplomático.

Adam fecha os olhos, respira fundo e pensa numa maneira delicada de dizer: *Você acha que quer que eu te coma, mas não quer. O problema é que eu quero, quero muito, o que torna essa conversa bem arriscada. Você deveria ir dormir. Vá descansar enquanto, a apenas um metro de você, eu tento esquecer aquele vestidinho preto*

*que você estava usando. Ou aquela vez que você entrou no meu escritório e falou sobre a gente transar. Ou quando você ficou se balançando no meu colo durante uma hora, e eu só pensava que, num mundo ideal e justo, esse negócio que estamos fazendo seria real, e essas fantasias mal elaboradas, extravagantes e invasivas que tenho com você não fossem te assustar e...*

Ele precisa encerrar a conversa e sair para correr 15 quilômetros. Está exausto e não tem condições de ficar ali.

– Olive, você está se sentindo assim *agora* – diz ele, tentando ser sensato, embora sinta justamente o contrário. Olive aperta os lábios e suas narinas se dilatam. – Daqui a um mês, uma semana, amanhã, não quero que você se arrependa...

Adam perde o fio da meada assim que percebe algo: talvez ela não esteja *irritada*. Porque na verdade ela parece... *magoada*? Traída? Ela pisca muito rápido, como se estivesse prestes a chorar de novo.

Ele simplesmente cala a boca. Não. Ela não vai se sentir assim. Não por causa *dele*.

– Olive...

– E o que *eu* quero? – Ela se inclina para a frente, os olhos em chamas. Tudo bem, ela está irritada, sim. Furiosa e linda. – O fato de *eu* querer isso significa alguma coisa? Talvez você não se importe porque não quer, não é? Talvez eu não seja tão atraente pra você e você não queira isso...

Ele *está* exausto pra caralho. Senão teria mais controle: ele a pega pelo pulso e puxa a mão de Olive até seu pau. Está duro, Adam está duro, ele está duro o tempo inteiro, então, se ela quiser mentir para si mesma, tudo bem, mas ele não vai deixar.

– Você não faz a menor ideia do que eu quero.

Só que agora ela deve fazer. Ele remói as palavras que pensa em dizer. Olha nos olhos dela, arregalados e em choque, e a puxa ainda mais para perto, mostrando *exatamente* o que ele quer, o que ela causa, com o que ele precisa lidar, como tem sido nos últimos três anos e...

*Merda*. Adam solta a mão dela de imediato e desvia o olhar, mas o estrago já está feito e é por isso, é *justamente* por isso que ele não devia chegar *nem perto* dela. Se não consegue se controlar para não sair falando tudo que sente por ela, precisa sair daqui agora. Ele

chega a fazer menção de se levantar, mas para no instante em que Olive sussurra:

– Está bem, então.

Ele olha para ela. A expressão de Olive está mais serena. Ela parece mais tranquila de repente. Aliviada. Determinada. Como se – e isso não faz nenhum sentido – o que ela temesse não fosse Adam, mas sim a *rejeição* dele.

Ela chega perto. Ainda mais perto. O cheiro dela em suas narinas, as coxas pressionadas contra as dele, tudo isso já era inebriante e angustiante vinte segundos atrás, mas agora está ficando insuportável. Como ela é linda – aquilo o deixa muito confuso. É uma pressão constante que não cede nunca, e Adam tem que fechar os olhos para fingir que ela não está aqui a um palmo de distância.

– Não foi por isso que chamei você pra dividir o quarto comigo.

– Eu sei.

Ela o toca agora. Por vontade própria. Afasta o cabelo da testa dele. Seus dedos são frescos, macios e habilidosos, os mesmos que usa para seus experimentos científicos, e ele só quer se apoiar nela.

– Também não foi por isso que aceitei – acrescenta Olive.

*Você não gosta de ser tocado, seu idiota*, ele lembra a si mesmo. *Na verdade, você odeia. Lembra quem você era quando sua vida não era apenas uma colagem de todas as vezes que essa garota te tocou porque foi obrigada?*

– Você disse nada de sexo – lembra ele, numa última tentativa, já sem forças de impedir aquilo tudo.

Até parece que ele ia dizer “não” para ela. As coisas que ele faria por ela... As coisas que ele faria *com* ela...

– Eu também disse que só nos encontraríamos no campus. E acabamos de sair pra jantar. Então...

Ela dá de ombros. O tecido da blusa roça seus seios, e tudo bem.

Tudo bem.

Ele está cogitando fazer isso. Não tem como se controlar.

– Eu não...

Ele coça a testa. *Não diga nada. Vai estragar tudo. Se preserva. Não faça isso.* Mas ele sabe que, se ela pedir, ele vai transar com ela. Mesmo que seja só para distraí-la do que a está incomodando. Com



sorte, ele vai ser bom o suficiente, e amanhã ela vai agir como se nada tivesse acontecido.

A vida de Adam nunca mais vai ser a mesma.

– Eu não tenho nada – diz ele.

Ela olha para Adam por um longo momento, sem entender. E então começa a ficar vermelha.

– Ah, não tem problema. Eu tomo pílula. E estou em dia com os exames. – Ela morde os lábios, e ele sente como se ela o estivesse tocando. – Mas também podemos fazer... outras coisas.

Outras coisas.

Outras *coisas*.

Ah, sim. Outras coisas.

Ele deixa os olhos passearem pelo corpo dela por um instante. Por mais embasbacado que tenha ficado com seu cabelo ondulado, a maquiagem e aquele vestido quase curto demais, ele nunca a achou mais linda do que naquele momento, com o rosto limpo e rosado, o cabelo bagunçado e selvagem. O corpo dela é esguio, gracioso, forte, e aquela camiseta sem forma chama sua atenção, o leve volume dos seios, a curva do quadril. Todas aquelas coisas que ele não se permitiu olhar durante semanas – durante *anos*. Mas não fazia diferença, elas sempre estiveram lá, gravadas em seu cérebro. A curva das costas quando ela abriu a porta do seminário com o ombro. A linha do pescoço ao beber uma garrafa de água. Uma esticada de leve que revelava uma nesga de pele da barriga.

Ele pensa em algumas *outras coisas* para fazer com ela. Com cada pedacinho dela. Tantas coisas indecentes, lindas e obscenas. *O que seria demais para você, Olive? O que posso te pedir para fazer? Quantas vezes? Você devia tomar cuidado. Estabelecer alguns limites. Dizer o que você quer.*

Adam engole em seco. Respira fundo. Diz a si mesmo para se acalmar. *Talvez nada aconteça. Talvez ela só queira um pouco de pegação. Uma diversão de leve, um carinho. Está tudo bem.*

– E se você me odiar por isso depois? E se mudar de ideia e...

– Eu não vou. Eu... – Ela chega ainda mais perto. – Nunca tive tanta certeza de alguma coisa. A não ser, talvez, da teoria celular.

Ela sorri. Primeiro abre um sorriso meio hesitante, depois esperançoso e depois reluzente, e então se inclina para beijá-lo de novo e...

Ele nunca teve a menor chance. Nunca, e certamente não desta vez, que é tão diferente das outras. Eles já se beijaram antes, claro, e... foi bom. Bom demais às vezes, mas também interrompido. Frustrante. Inacabado. Performático. Sempre o começo de alguma coisa, nunca o fim. Mas desta vez... não tem ninguém em volta e, depois de um momento de relutância, Adam se permite fazer o que quer.

Ele deixa o beijo mais intenso. Puxa Olive para mais perto. Sente o cheiro dela, já tão familiar a esta altura, de pele macia, açúcar e quartas de namoro de mentira. Adam a deseja há tanto tempo que este momento parece algo imaginado, como um sonho. Ele podia começar devorando-a. Ajoelhando-se e enterrando o rosto entre as pernas dela. Tirando a camiseta dela, gravando cada centímetro de seu corpo na memória para *depois*. Mas ele não quer apressá-la, então tira a própria camiseta para sentir melhor o toque da pele dela e fica ali, sentado na beirada da cama como um animal selvagem e enorme tentando se fingir de bonzinho. Não parece que aquilo vai ser suficiente, pela forma que ela geme toda vez que a língua dele toca a dela ou como ele usa as mãos para apertar sua bunda, mas ele *pode* ir mais devagar. Ele *pode* sentir os mamilos dela, duros e erigidos contra o próprio peito, mas se contenta em chupar seu pescoço. Ele *pode* escorregar a mão até a parte de baixo do seio dela, mas não precisa olhá-lo. E ele *pode*...

Olive está dizendo alguma coisa. E o cérebro de Adam está muito atordoado para compreender.

– O quê?

– Naquela noite em que te beijei no corredor. Você fez isso também.

Ela está sorrindo. Ele só pensa em fazer Olive gozar. Será que vai conseguir? Já faz um tempo. Queria ter um pouco mais de prática. Por ela.

– Fiz o quê?

– Tocou em mim. Aqui.

Ela coloca a mão sobre a dele por cima do tecido, e Adam entende aquilo como uma permissão. Ele levanta a camiseta devagar, como se estivesse dando tempo para ela protestar, e para assim que ela prende a respiração, no primeiro sinal de hesitação. Logo abaixo dos seios, o que quase o faz grunhir de desespero, mas... não.

Paciência. Porra, ele pode ser mais paciente até que ela fique à vontade.

Adam espera e, enquanto isso, toca as costelas dela com os lábios. Morde de leve. Lambe. Ela tem um gosto doce, e ele se pergunta se ela deixaria que ele a chupasse lá embaixo. Talvez seja pedir demais, mas quem sabe.

– Aqui? – diz ele. – Olive. Aqui?

A parte de baixo do seio dela está bem ali, mas Olive não responde, apenas se segura nele como se estivesse prestes a cair, e tudo bem. Tudo bem, sim: ele quer transar com ela naquele colchão. Não faz sentido fingir que não quer.

– Presta atenção, meu bem. – A parte de baixo do seio dela está bem ali, e ele então passa a língua e chupa, e ela se contorce. – Aqui?

Ele não ouve a resposta dela. Está um pouco distraído porque ela finalmente tirou a camiseta e...

Ele acha que ela fica insegura por uma fração de segundo. Um breve momento de hesitação em que dá para perceber que Olive está pensando em se cobrir outra vez. Ela arqueia as costas de leve; Adam quase consegue sentir o cheiro de pânico entre os dois e está pronto para se deter, agora mesmo. Mas então ela se empertiga, como se, no fim das contas, decidisse que não se importa em lhe mostrar o corpo e...

Está bem.

Isso aí.

Já tem um tempinho que ele não faz isso. Anos, talvez. Desde a pós-graduação, e até naquela época ele nunca tinha... Por mais ou menos uma década Adam pensava já ter feito sexo o suficiente na vida para ter certeza de que não estava mais interessado nisso. Não tinha um motivo específico, só... não. E então... apareceu Olive. Ele quase soltou uma gargalhada no escritório quando ela pediu que ele fosse discreto ao sair com outras mulheres. Enquanto isso, a parte vil, voraz de seu cérebro só pensava: *Existem outras mulheres? Pensei que fosse só você.*

– Você se lembra? – pergunta ela, com aqueles seios.

Seus peitos pequenos e lindos. A curvinha da barriga. As pernas macias e torneadas. Ele quer guardá-la embaixo dele para protegê-la. Durante alguns meses.

– Do quê? – pergunta ele, meio aéreo, fascinado. Até sua voz parece meio distante.

– Do nosso primeiro beijo.

– Quero ficar com você nesse quarto de hotel por uma semana – murmura ele, porque é a verdade. Será que pode tocá-la? Ele vai parar se ela pedir. Mas... – Por um ano.

Ele está perdendo a noção do tempo. Perdendo os limites. Não está descontrolado, mas vai ficando mais ousado. Espalma a mão aberta nas costas dela e puxa-a para mais perto de sua boca, arqueando-a como se ela fosse uma oferenda, e até perde um pouco a noção do que vem depois porque aquilo é *muito* bom. Ele não quer ser bruto, mas os barulhos que Olive está fazendo são maravilhosos: gemidos sem fôlego e suspiros profundos.

Então, os músculos dela ficam retesados. É repentino, e ele sente no mesmo segundo, como um balde de água fria na cabeça. Ele se afasta na hora.

– Assim está bom?

Olive está distraída, com uma expressão distante. E, por mais que seu pau já esteja doendo, algo muda no cérebro de Adam. Sim, ele quer lambar os peitos dela, mas quer mais ainda garantir a ela que está tudo bem.

Ele coloca a mão no quadril de Olive, o polegar fazendo carinho ali, tentando olhar para o rosto dela.

– Você está tensa. Não precisamos fazer...

– Eu quero. – Ela parece assustada. Na defensiva. Certamente está pensativa demais. – Eu disse que queria.

– Não importa o que você disse. Pode mudar de ideia a qualquer momento.

– Não vou mudar de ideia.

Ela é teimosa. É teimosa, e ele adora aquilo nela, assim como todas as outras coisas, mas isso... Ele não está disposto a se arriscar a continuar com isso se ela estiver em dúvida. Então ele aperta o pau até quase doer e para. Diminui o ritmo. Puxa Olive para perto, descansa a cabeça em sua barriga, sincroniza a respiração com a dela, sente seus braços em volta do pescoço, sente o aroma de ternura entre os dois. Leva um bom tempo, porém ela aos poucos vai se soltando e relaxando com ele. A princípio de um jeito dócil, o nariz roçando de leve o cabelo dele, mas depois inquieta. Ávida outra vez.

Holden e suas perguntas extremamente idiotas. É claro que Adam está apaixonado por Olive, é claríssimo, porra. E é por isso que essa parte também é gostosa. Só de estar com ela. Ao lado dela. Um pouco doloroso, é verdade, mas muito gostoso.

– Acho que *eu* mudei de ideia – diz ele, ainda com o rosto colado à pele dela.

Adam vai passando os dedos pelo elástico da calcinha – de algodão com bolinhas verdes. Quando eles terminarem, ele vai roubar aquela calcinha. Vai construir um altar para ela. Fazer coisas inimagináveis com ela.

– Sei que não estou fazendo nada – diz Olive, com a voz meio fraca –, mas se me disser do que gosta eu posso...

– Minha cor favorita deve ser verde, na verdade.

Ela já está molhada. Adam nem acredita, então pressiona o tecido da calcinha com o polegar para ter certeza. Mas, agora que o dedo está ali, ele não consegue se segurar. Esfrega para cima e para baixo entre as pernas dela. Ele quer se lembrar daquele momento. Gravar para depois. Arquivar em seu DNA.

– Você... Você quer que eu tire?

Sim. Mas não. Essa calcinha é a única coisa que separa Olive e Adam implorando para comê-la. Melhor ficar ali por enquanto.

– Não. Ainda não.

Ela se contorce, impaciente.

– Mas se nós...

Ele puxa o tecido para o lado, porque não se aguenta, então vê que é um erro. Ela parece pronta. No ponto. Uma fruta madura perfeita. Ele se pergunta se isso significa que ele já pode comer Olive agora. Poderia ser muito rápido e um pouco desajeitado, mas ela ficaria bem. Ela aguentaria. Ela ia gostar. Ele ia mandar bem, com sorte. Talvez. Se ele lembrasse como é. Se não acabasse com tudo em vinte segundos. Se não acabasse com tudo agora mesmo só de olhar os próprios dedos deslizando pela boceta reluzente, circundando o clitóris e desaparecendo entre as dobras inchadas, e ela está molhada, ela está *molhada pra caralho*, de um jeito que ele quase se convence a fingir que é *ele* quem ela quer, e não qualquer um que a faça se esquecer de um dia de merda. Ele observa enquanto ela arqueia o corpo, fecha os olhos, solta um gemido baixo

e expira, obviamente sentindo muito prazer. Adam toca em si mesmo e *sabe* que vai acabar gozando só de olhar para ela.

– Você é tão linda...

Ele não se lembra de ter dito isso antes a uma mulher – afinal, para que dizer o óbvio? –, mas com Olive as palavras simplesmente irrompem de sua boca.

– Posso?

Ao encontrar a entrada, ele solta um som gutural ainda com os lábios encostados aos mamilos dela, nem parecendo ser ele mesmo, e assim que o dedo está dentro dela, ele...

– Porra.

É bem apertada, o que faz seu pau se contrair ainda mais. Sua visão chega a ficar embaçada, com pontos pretos. Por alguns segundos, ele sente os próprios batimentos tamborilando no ouvido, o prazer palpitando nos quadris. Esquece tudo que não seja Olive, tudo que não sejam os lugares em que está tocando. Ela é a melhor coisa que já aconteceu com ele, só que ainda melhor. E então... Ela se mexe. Ela se esquivava com o dedo de Adam dentro dela, de uma maneira que não parece muito agradável, e toda a onda de prazer que estava prestes a tomar o corpo dele de repente recua.

Adam fica paralisado.

– Shhh.

Não está dando certo, o dedo dele dentro dela. Então Adam tenta estabilizar os quadris de Olive e, quando isso também não funciona, ele roça novamente o polegar no clitóris, na esperança de que ela relaxe. Ela solta um gritinho e aperta o braço dele com os dedos trêmulos. Seus mamilos estão duros e ela parece estar gostando, parece estar suando, com a respiração ofegante, e talvez querendo mais... Mas continua apertada como antes.

– Está tudo bem. Relaxe.

Ele tenta entrar um pouco mais. Enfiar o dedo um pouco mais fundo. Ver até onde pode ir. Ela está molhada, bem molhada, não devia ser tão difícil assim.

O problema é que ele não consegue decifrá-la. Não de forma consistente. É bem verdade que ele não tem experiências recentes e menos ainda condições de pensar direito com Olive ali, se esfregando em sua mão. Ela solta gemidos, respira fundo, mas depois se contrai

e aperta o bíceps dele com as unhas. A ideia de que ela esteja sentindo alguma dor logo coloca um freio no que ele está fazendo.

– Machuca? – Ele tenta perguntar. Ela nega com a cabeça, mas um segundo depois se contrai. – Por que está tão tensa, Olive? – pergunta, distraído, olhando o próprio dedo dentro dela. – Já fez isso antes, não é?

É uma pergunta idiota, e ele quer socar a própria cara na mesma hora por perguntar. É claro que ela já fez isso antes, é só olhar para ela. Olive não é como Adam. Provavelmente deve fazer isso...

– Eu... já. Poucas vezes. Na faculdade.

Adam fica parado. A cabeça, vazia. E então a imensidão do que está acontecendo o atinge como um trem em alta velocidade. Com cuidado, ele se afasta, balançando a cabeça.

Isso é... não. Não. É um erro. Claramente ela leva sexo a sério e merece fazer isso com alguém... melhor. Outra pessoa. Alguém que não seja tão mais velho do que ela, que nunca tenha reprovado a proposta de dissertação do amigo dela, que não precise colocar o alarme para uma da manhã a fim de se lembrar de parar de trabalhar e ir dormir. Alguém que não tenha passado os últimos anos pulando de sala de aula em sala de aula, alguém que não fique imaginando ela quando vai...

– Mas não tem problema. Eu posso aprender. Aprendi a medir a corrente elétrica nas células em questão de horas. Sexo não pode ser muito mais difícil – diz Olive, depressa. Ela acha que ele está incomodado com sua falta de experiência. – E aposto que você faz isso toda hora, então pode me dizer como...

– Você perderia.

– O quê?

– Você perderia essa aposta.

Ele suspira. Seu pau idiota e imbecil nunca esteve tão duro. Porque parte dele gosta daquilo. Da mentira que pode contar a si mesmo: de que aquilo significa alguma coisa para ela. Que *e/*e significa alguma coisa para ela.

– Olive, não posso fazer isso.

– Claro que pode.

Ele nega com a cabeça.

– Sinto muito.

– O quê? Não. Não, eu...

– Você é praticamente virg...

– Não sou!

– Olive.

– Não sou.

– Mas é quase tão...

– Não, não é assim que funciona. Virgindade não é uma variável contínua, é categórica. Binária. Nominal. Dicotômica. Ordinal, talvez. Estou falando de qui-quadrado, talvez de correlação de Spearman, regressão logística, modelo logit e aquela função sigmoide idiota, e...

Ela faz *isso* todas as vezes. Ela o faz querer rir, como se, de alguma forma, ele não fosse a pessoa mal-humorada e rabugenta que sabe que é. Toda quarta-feira, ela faz Adam esquecer que ele deveria ser hostil e inacessível e odiar o mundo inteiro, e, embora seja uma péssima ideia, ele começa a tocá-la de novo, os lábios dos dois sorrindo e se encostando, e em meio aos beijos ele diz que ela é muito engraçadinha. E então, quando estão bem próximos de novo:

– Olive, se por qualquer motivo sexo for algo com que você... não está confortável, ou prefira não fazer fora de um relacionamento, então...

– Não, não é nada disso. Eu... – retruca ela. Ele se afasta e fica encarando-a, paciente, tentando entender. – Não é que eu queira ficar sem sexo. Eu só... não tenho muita vontade de fazer normalmente. Tem algo estranho com o meu cérebro e o meu corpo, e eu não sei o que há de errado comigo, mas não sinto atração do mesmo jeito que as outras pessoas. Que as pessoas *normais*. Eu tentei... Tentei simplesmente fazer pra resolver logo a questão, e o cara com quem transei era legal, mas a verdade é que não sinto... Não sinto atração sexual a menos que realmente confie e goste da pessoa, o que por algum motivo nunca acontece. Ou quase nunca. Não acontecia há muito tempo, mas agora... Eu gosto mesmo de você, confio em você, e pela primeira vez em um milhão de anos eu quero...

Adam quer dizer a Olive que não tem nada de errado com seu cérebro. Que durante anos, antes de conhecê-la, ele mesmo tinha esquecido que sexo era algo que ele *devia* querer. Que ele sabe exatamente o que ela quer dizer. Mas é arriscado admitir a verdade em meio a várias mentiras, então ele apenas olha para ela, absorve



as palavras e, pela primeira vez em semanas, imagina que há esperança.

Ele não tinha se permitido antes. Não costuma mentir, nem para si mesmo, e é perigoso ficar alimentando a fantasia de que isso tudo vai acabar de qualquer outro jeito que não seja um término repentino no dia 29 de setembro. Mas se Olive confia nele... Se ela *confia* nele...

Talvez não seja agora. Nem tão cedo. Ela está apaixonada por outra pessoa, e essas coisas levam tempo. Mas no ano que vem os dois estarão em Boston e, talvez, se ela já *confia* nele, Adam possa convencê-la a deixá-lo cuidar dela. Ele não quer nada em troca. Ela nem precisa se apaixonar por ele, porque ele já a ama o suficiente pelos dois. Mas se ela *confia* nele...

– Quero fazer isso – diz ela. – Com você. Quero mesmo.

Adam sente o coração dilatar e se encher de algo frágil e desconhecido.

– Eu também, Olive. Você não tem ideia.

– Então, por favor. Por favor, não diga não. Por favor.

Ela morde o lábio dele, o maxilar, a pele sob a orelha, até que ele respira fundo, assente e se dá conta de que, se for para acontecer – e, porra, vai acontecer com certeza –, ele precisa se esforçar mais. Deixá-la à vontade. Então ele a pega no colo, coloca-a na cama dele e sorri diante da risadinha surpresa que ela solta.

– Tudo bem? – pergunta ele, quando ela já está deitada.

Diante do leve aceno que ela dá, ele muda de posição e fica por cima, agora com uma nova visão: os ossos do quadril, a pele branca, os pelos pubianos. Ele quer lambê-la. Depois quer lhe dar comida, mantê-la quentinha e segura, até que suas costelas não estejam mais tão aparentes. A pele da barriga... Ele vai ficar com isso na cabeça por anos, se deleitar com as memórias de cada sarda. Adam tira a calcinha dela – finalmente, *finalmente* – e ela está usando meias soquete coloridas e... assim como tudo o que ela faz, aparentemente ele curte aquilo. Ele curte  *muito* aquilo.

– Adam?

A voz dela está meio aérea, e ele entende que é um pedido para andar logo. Para abrir as pernas dela com as mãos na parte interna das coxas e mergulhar naquele aroma doce delicioso. Com os lábios, ele sente como ela está molhada e viscosa, macia, e Adam quase

apaga por um momento. De tanto prazer em fazer isso com ela, de explorá-la com a língua. Ele tem quase certeza de que já fez isso antes e, embora não lembre quando ou com quem, tem certeza de que não foi nada perto disso. A bunda de Olive cabe perfeitamente na palma de sua mão, ele consegue alcançar os quadris dela com os dedos, e tem algo que o faz se sentir poderoso ali, a forma como consegue envergá-la facilmente para lambe-la e... ela é flexível. Especialmente se comparada com aquela montanha pesada e sem jeito que Adam é. Ele já tentou por tempo demais fingir que aquilo não o deixa muito excitado, mas... não. É impossível mentir para si mesmo, não quando está chupando a boceta de Olive, que geme com a mão tapando a boca. Ele quer chegar ainda mais perto, explorar ainda mais e...

E aí ela pede que ele pare.

Demora um tempinho para ele sair do transe, mas, quando sai, fica parado.

– Você mudou de ideia?

– Não. Mas a gente devia fazer... outras coisas.

– Você não gosta disso?

– Não. Sim. Bem, eu nunca...

Adam tenta imaginar como seria transar com Olive e não implorar a ela para deixá-lo fazer isso. Parece absurdo. Fora da realidade.

– Mas fui eu quem convenci você disso, então devíamos fazer coisas que você esteja a fim, e não pra mim...

Ele enfim entende o que ela está querendo dizer e solta um resmungo profundo. Fecha os olhos, apoia a testa entre as coxas dela e cogita quebrar o quarto inteiro. Só que isso assustaria Olive e não a convenceria de que ela é linda e atraente, de que ele quer sorvê-la e lambê-la até secar, de que isso é muito mais para ele do que para ela. Então decide fazer outra coisa: pressiona o clitóris com a língua, agarra a cintura de Olive para mantê-la parada enquanto ela se contorce e enfia os dedos e a língua dentro dela. Ele a segura com as pernas bem abertas e fica olhando seu corpo formar um arco perfeito. Ouve seus gemidos delicados e sente que ela está tensa, segurando seus ombros e cabelos com um desespero meio impaciente e frustrado, como se quisesse gozar, mas estivesse com medo de não conseguir, e ele ama essa sensação, a ilusão de que o precipício diante do qual estão juntos parece não ter fim, alheia ao

tempo e ao espaço. Um arco suspenso de prazer. E então ela goza com gritinhos delicados, contrações lentas e fortes, e Adam sente a barriga se contrair, a visão ficar mais clara. Ele adoraria comer Olive, mas talvez goze só com isso aqui, e está tudo bem. Quer vê-la gozar de novo. Ela é sensível, maleável, risonha, pequena, apertada, quente, linda, tão linda, tão poderosa e perfeita e linda. Quando ela já está satisfeita e o puxa para cima, mais perto, ele a imprensna na cama com pernas, braços e mãos, observa enquanto ela se mexe com os últimos choques de prazer e sente seu coraçãozinho batendo como se fosse um tambor contra o dele. Naquele momento, ele tem tudo. Tudo que sempre quis.

– Posso te comer? – pergunta ele, com a boca colada à dela.

Ela o beija de volta. Puxa para mais perto. Passa os dedos por sua pele quente e suada. Ele não merece, mas quer mesmo assim.

– Hum. O quê?

– Posso te comer? Por favor?

Ela faz que sim e estende a mão para tocar no pau dele, mas Adam não tem certeza de que vai dar tempo de fazer isso. Ele está tão duro que isso vai ser doloroso e urgente, como nunca antes, e a boceta perfeita, macia e apertada de Olive está bem ali, pronta para ele. Quando começa a meter, toda a sua existência se resume àqueles detalhes: a pressão em torno do seu pau, algo tenso e decisivo; os olhos de Olive, chocados e arregalados, mirando os dele; o ar entre eles, quente, pesado.

– *Ai.* Você é muito grande.

Ele geme na altura do pescoço dela. Talvez ele seja. Ainda assim...

– Você vai se acostumar.

Não existe nada, nada além do prazer formigando na base da coluna dele.

– Eu vou – concorda ela. Adam precisa fechar os olhos ou então tudo vai acabar agora mesmo. Ele está dentro dela, e é uma tortura, uma tortura deliciosa. – E se for grande demais?

Parece uma possibilidade real. Ele não pode penetrar do jeito que gostaria, porque ela é pequena, e ele não.

– Então vou penetrar você desse jeito.

Já está melhorando. Ela ainda está bem apertada, mas ele consegue progredir, ir um pouco mais fundo, e o modo como ela

pulsa ao redor dele é esplêndido, deliciosamente obsceno. Os dois respiram alto, ofegantes. A posição em que Olive está não é a melhor para empurrar mais fundo, esse é o problema. Ele leva a mão à coxa dela e tenta abrir um pouco mais. Só um pouco.

– Eu deveria fazer algo...

– Só... Fica parada um pouco. Pra eu não gozar rápido.

Ela começa a se mexer debaixo dele. Talvez impaciente para continuar logo, embora ele esteja prestes a explodir com a pressão de manter as coisas mais lentas. Ele quer enfiar os dentes nela. Acorrentá-la a ele. Prendê-la. Ele recua um pouco, algo que claramente seu corpo odeia e parece ter sido uma ideia bem idiota, mas colocar dentro de novo é incrível demais.

– Talvez você devesse...

Devesse o quê? Ah, sim. Estão falando de gozar.

– Devo?

Ela faz que sim com a cabeça, e ele quer beijá-la; ela quer beijá-lo também, mas eles não conseguem muito bem, estão distraídos demais, atordoados demais, e ele dá uma risada silenciosa pensando naquela tentativa dos dois. Eles mal sabem o que estão fazendo e, ainda assim, estão no meio desse caos espetacular e magnífico.

– Dentro de você?

Ela faz que sim, como se fosse concordar com qualquer coisa que ele pedisse.

– Se você quiser.

Ele quer. Pensa muito nisso – fantasias primitivas e indecentes de deixá-la toda melada, *dentro* dela, deixar sua marca. São fantasias bem frequentes. Um pouco mais do que deveriam.

– Você é tão perfeita... Está me deixando louco – diz ele, com os lábios na clavícula dela.

E é aí que algo cede. Um segundo de fricção escorregadia. De repente ele entra o mais fundo que pode ir, e tudo para.

O universo se realinha e vira algo melhor.

Os dois ficam parados por um momento. Então soltam gemidos fortes no quarto silencioso. Olive levanta a mão só para passar os dedos no cabelo dele. Adam está sem palavras. Sem pensamentos.

Isso é... Caramba. Meu Deus!

Ela sorri para ele, feliz, esperançosa, linda, e diz:

– Oi.

Adam sorri também e pensa: *É isso*. Ele pensa: *Eu te amo*.  
Pensa: *Talvez, um dia, você até me deixe dizer isso para você*.  
E então, ele fala:  
– Oi.

*Sobre a autora*





**ALI HAZELWOOD** é autora de comédias românticas em que as protagonistas são mulheres das áreas de ciências, tecnologia, engenharia e matemática. Ph.D. em neurociência, ela também tem vários artigos publicados – nos quais, infelizmente, ninguém dá uns amassos e o “para sempre” nem sempre é feliz.

Nascida na Itália, ela morou na Alemanha e no Japão antes de se mudar para os Estados Unidos. Quando não está no trabalho, Ali pode ser encontrada correndo, fazendo crochê, comendo doces ou assistindo a filmes de ficção científica com seus dois soberanos felinos (e o marido um pouco menos felino).

 [@alihazelwood](#)

 [@EverSoAli](#)

 [@alihazelwood](#)

 [@alihazelwood](#)

 [ever-so-ali.tumblr.com](#)



Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,  
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.  
Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)



# Table of Contents

[Créditos](#)

[Capítulo Extra](#)

[Sobre a autora](#)

[Sobre a Arqueiro](#)